

Ficha de identificação

Essa ficha é inspirada na Ficha de Objetos do documento Educação Patrimonial: inventários participativos (IPHAN, 2016).
Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_15x21web.pdf>.

1) Nome

Bate-bola, Clóvis, pierrô, clown são nomes de fantasias carnavalescas característica do subúrbio carioca.

2) Imagem



3) O que é

Objeto carnavalesco utilizado por foliões dos grupos de bate-bola durante o carnaval carioca. A máscara cobre o rosto e compõe o traje, permitindo ao brincante viver outra identidade durante a folia.

4) Onde está

Encontrada principalmente nos bairros suburbanos do Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense. Normalmente guardada nas casas dos integrantes, oficinas ou barracões de fantasia. Algumas também são expostas em centros culturais e museus de carnaval. Exemplo específico: guardada na residência de João Carlos da Silva, em Madureira, RJ.

5) Períodos importantes

Usada anualmente durante o carnaval. A confecção ocorre nos meses que antecedem a festa, entre outubro e janeiro. Nos últimos anos, as máscaras ganharam destaque em exposições, filmes e registros sobre o carnaval de rua, ampliando seu reconhecimento além do período festivo.

6) História

As máscaras de bate-bola, também chamadas de clóvis ou bola-de-morte, têm origem nos subúrbios do Rio de Janeiro, onde se consolidaram entre as décadas de 1940 e 1950. Alguns estudiosos relacionam sua criação à influência portuguesa e a festas como a Folia de Reis, além de fantasias europeias inspiradas em mitos celtas.

Outros registros apontam que os bate-bolas surgiram entre escravos libertos e trabalhadores negros, que encontraram no carnaval uma forma de expressar liberdade e resistência. Ao vestirem as máscaras, conseguiam brincar anonimamente e, ao mesmo tempo, protestar contra a opressão, simbolizada pelo gesto de bater as bolas no chão.

No início do século XX, a tradição se espalhou pelos bairros suburbanos, quando matadouros locais, como o de Santa Cruz, forneciam bexigas de bois e porcos para a confecção das bolas. Mais tarde, o material passou a ser borracha ou plástico. As máscaras, antes feitas de papel

machê e pano, evoluíram para modelos em EVA, espuma e pintura detalhada, refletindo a criatividade e a irreverência do carnaval popular. Hoje, as máscaras de bate-bola são reconhecidas como símbolos da cultura suburbana carioca, representando o anonimato, o humor e a resistência cultural de um povo que transformou a folia em expressão de identidade e pertencimento.

7) Pessoas envolvidas

Artesãos, costureiras, pintores e aderecistas especializados em carnaval; foliões que usam máscaras; colecionadores e estudiosos da cultura popular. Em alguns grupos, há artesãos responsáveis por criar modelos exclusivos para cada fantasia anual.

8) Materiais

Espuma, EVA, tecido, tinta acrílica, cola quente, fibra de vidro, glitter, elástico, fios sintéticos, plumas e materiais recicláveis. Em versões antigas, usava-se papel machê e tecido engomado.

9) Técnicas ou modos de fazer

Modelagem com moldes de gesso ou espuma; corte e colagem de EVA; pintura manual; aplicação de tecidos, plumas e brilho; fixação com elástico ou cordão. A técnica varia conforme o estilo e a tradição de cada grupo.

10) Medidas

Altura entre 30 e 40 cm; largura entre 25 e 30 cm; peso médio de 400 a 600 g. Algumas máscaras mais ornamentadas podem ultrapassar 1 kg.

11) Manutenção

Cuidada geralmente pelos próprios brincantes. Após o carnaval, é limpa e guardada para evitar mofo e danos na pintura. Oficinas especializadas também realizam restauração ou adaptação para o desfile seguinte.

12) Conservação

O estado de conservação é variado: máscaras de uso recente costumam estar em bom estado, enquanto exemplares antigos enfrentam deterioração por falta de preservação adequada. Algumas já integram acervos museológicos e coleções particulares.

Ficha de análise

Essa ficha é inspirada na Ficha de Objetos do documento Educação Patrimonial: inventários participativos (IPHAN, 2016).

Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_15x21web.pdf>.

1) Objeto associado

O nome do objeto dado na Ficha de identificação

Máscaras de bate-bola.

2) Significados

- Dimensão individual: A máscara digitalizada pertence ao bloco **Clã dos Barulhentos**, um dos diversos blocos de bate-bola de Madureira. O tema representado no bloco é **“Guardião Tribal”**, refletido nas cores vibrantes, nas penas volumosas e na expressão intensa da máscara. Ela foi utilizada no Carnaval de **2022**, marcando presença com seu visual imponente e característico. O registro preserva a identidade visual do bloco e a memória daquele desfile. para o brincante, a máscara é símbolo de liberdade e anonimato. Ela permite que a pessoa assuma um personagem e expresse emoções sem restrições, transformando o indivíduo em parte do espetáculo carnavalesco. Também representa um elo afetivo, muitos foliões guardam suas máscaras como lembrança de festas marcantes.

- Dimensão coletiva: enquanto grupo, as máscaras representam o espírito comunitário e a identidade dos bate-bolas. Elas são elemento central na estética e na união dos foliões, transmitindo valores de pertencimento, criatividade e resistência cultural das periferias do Rio de Janeiro.

3) Atividades relacionadas ao objeto

Desfiles e brincadeiras de bate-bola durante o carnaval; encontros de grupos mascarados em bairros suburbanos; oficinas de confecção artesanal; exposições e registros audiovisuais sobre a cultura popular.

4) Avaliação

- Individual: o objeto mantém valor simbólico para quem o utiliza, representando momentos de alegria e expressão pessoal. Contudo, muitas vezes falta reconhecimento formal para os criadores e usuários.
- Coletiva: como símbolo cultural, as máscaras enfrentam o risco de desvalorização devido à modernização do carnaval e à falta de apoio a manifestações periféricas. Em contrapartida, cresce o interesse acadêmico e artístico, fortalecendo sua preservação como patrimônio cultural carioca.

5) Recomendações

Registrar e documentar as máscaras e seus criadores; promover oficinas em escolas e centros culturais; criar acervos e exposições públicas; apoiar financeiramente grupos e artesãos; incentivar políticas de preservação e reconhecimento da cultura dos bate-bolas como patrimônio imaterial do carnaval do Rio de Janeiro.